



MEMÓRIAS DE MILTON DOTA: A JORNADA DE UM MILITANTE E SUA RESISTÊNCIA DURANTE A DITADURA DE 1964, EM BAURU

MILTON DOTA'S MEMOIRS: THE JOURNEY OF A MILITANT AND HIS RESISTANCE DURING THE 1964 DICTATORSHIP IN BAURU

Ofélia Regina Bravin Moreira¹

Resumo

A história biográfica, narrativa singular, nos traz a possibilidade de mergulhar nas vidas que construíram e constroem a História. É a possibilidade de desvendar segredos fazendo o passado ressurgir. Partindo desse pensamento, este artigo teve como objetivo apresentar o relato biográfico do ativista Milton Dota durante sua participação nos movimentos estudantis, já que Dota, conhecido por sua grande atuação, participou ativamente contra a repressão da ditadura de 1964. Para tanto, utilizou-se como fonte primária a palestra pública concedida pelo biografado em um evento político-cultural, na cidade de Bauru, em 07 de outubro de 2023. Conclui-se que o militante Milton Dota, como fonte histórica de grande relevância e de importante militância política local, contribuiu para a reconstrução de parte da memória do movimento estudantil de esquerda que atuava em Bauru durante o período ditatorial.

Palavras-chave: História Biográfica. Milton Dota. Ditadura Militar de 1964. Movimento Estudantil.

Abstract

Biographical history, a singular narrative, gives us the possibility of delving deep into the lives that built and build History. It is the possibility of unveiling secrets by making the past resurface. Based on this thought, this article aimed to present the biographical account of activist Milton Dota during his participation in the student movements, since Dota, known for his great performance, actively participated against the repression of the 1964 military dictatorship. To this end, the public lecture given by the biographer at a political-cultural event, in the city of Bauru, on October 7, 2023, was used as a primary source. It is concluded that the militant Milton Dota, as a historical source of great relevance and important local political activism, contributed to the reconstruction of part of the memory of the left-wing student movement that operated in Bauru during the dictatorial period.

¹ Graduanda do 4º ano de História do Unisagrado. Artigo realizado sob a orientação dos professores Drs. Lourdes M. G. C. Feitosa e Roger M. M. Gomes, para as disciplinas de Metodologia da Pesquisa em História e História Contemporânea.



Keywords: Biographical History. Milton Dota. Military Dictatorship of 1964. Student Movement.

Nos últimos tempos, as verdades científicas têm sido questionadas, principalmente com a disseminação de textos pelas mídias virtuais que não apresentam embasamento científico ou quando os fazem, trazem os fatos de maneira distorcida. De acordo com o Oxford English Dictionary (2023), “pós-verdade é um adjetivo relacionado a circunstâncias em que os fatos influenciam menos a opinião pública do que apelos à emoção ou às crenças pessoais”. Por isso, esta *Era da Pós-verdade* tem trazido desafios aos historiadores, preocupados em apresentar análises embasadas cientificamente, para, assim, consolidar cada vez mais o campo da História.

Deste modo, este artigo, baseado nos conceitos da História Social e da Nova História Política, busca apresentar um relato biográfico como forma de resgatar a memória do movimento estudantil no combate a ditadura militar de 1964, na cidade de Bauru.

Em princípio, acreditamos ser importante trazer a definição de História apresentada pelo historiador Marc Bloch, em seu livro *Apologia da História ou o ofício do Historiador*. Nesta obra, Bloch discorre sobre o conceito de História como disciplina acadêmica, bem como a responsabilidade e a ética que o historiador necessita ter para produzir o conhecimento histórico por meio do rigor científico e de fontes confiáveis. Para Bloch (2002, p. 55), História é a "ciência dos homens" [...] "dos homens, no tempo".

Já a História Social, para além da História Tradicional que se baseava em eventos históricos importantes e suas grandes personagens, busca dar voz às pessoas comuns, compreendendo as relações e estruturas sociais e as mudanças ocorridas na sociedade ao longo dos tempos. Assim, de acordo com Castro, a história social

passa a ser encarada como reafirmação do princípio de que, em história, todos os níveis de abordagem estão inscritos no social e se interligam. Frente à crescente tendência à fragmentação das abordagens historiográficas, esta acepção da expressão é mantida por muitos historiadores como horizonte da disciplina (CASTRO, 1997, p.79)



Desta maneira, a História Social é uma poderosa ferramenta para entendermos os movimentos sociais, culturais e políticos, pois contempla tópicos como economia, raça gênero, política, classe social, lançando luz sobre experiências de pessoas comuns e como elas são influenciadas pelo contexto social em que estão inseridas.

Outra abordagem necessária para este estudo diz respeito à Nova História Política, que se desenvolveu a partir das décadas de 1970 e 1980, representando uma mudança importante na forma de como os historiadores estudam e analisam a política e o poder ao longo dos tempos. De acordo com o historiador francês René Rémond, a Nova História Política se ocupa do estudo

da participação na vida política e dos processos eleitorais, integra todos os atores, mesmo os mais modestos, perdendo assim seu caráter elitista e individualista e elegendo as massas como seu objeto central. Seu interesse não está voltado para a curta duração, mas para uma pluralidade de ritmos, em que se combinam o instantâneo e o extremamente lento. E na longa duração que se irá buscar a história das formações políticas e das ideologias, ou seja, a cultura política, que por sua vez servirá à reflexão sobre os fenômenos políticos, permitindo detectar as continuidades no tempo. (RÉMOND, 2003, p. 07)

A abordagem interdisciplinar incorporando elementos da Ciência Política, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Literatura, Linguística, dentre outras disciplinas, proporcionou mais recursos para que se entendesse melhor as dinâmicas políticas relacionadas ao exercício de poder. Outro ponto importante da Nova História Política é a busca em entender as práticas políticas cotidianas exercidas por sujeitos comuns, ou seja, não se restringe mais a apenas instituições políticas formais, governos e partidos.

Essa nova abordagem da História Política procura dar ênfase às experiências individuais e grupais em relação ao processo histórico-político, como: análise das identidades políticas, das redes sociais e suas formas de resistência e participação política. Outra forma de estudo que a Nova História Política permite e reconhece é a complexidade das análises devido à influência de vários fatores, como gênero, raça, classe social e cultura, nas relações de poder.

Analisar como os discursos, as representações e as narrativas políticas são construídos e disseminados também está no arcabouço dos estudos pelo olhar da Nova História Política. Desta maneira, esta pesquisa aborda, dentro do campo da história



política, o relato biográfico, por considerar uma poderosa ferramenta e fonte histórica para a análise do movimento histórico-político.

A História Biográfica se entrelaça com os destinos vividos. Relatar as memórias de personagens reais, heróis ou heroínas, anônimos ou célebres, faz com que a história ganhe cores, nuances e profundidade, tornando-se um espelho da nossa humanidade, permitindo uma conexão entre passado, presente e essência. Entrar nesse universo das biografias nos permite reconstituir redes de relacionamentos por meio dos relatos de vida.

Deste modo, este artigo apresenta reflexões sobre fatos e acontecimentos que marcaram e construíram os movimentos estudantis, no período de 1964-1968. É a História Biográfica que nos permite revisitar uma história, muitas vezes desconhecida, porém tão importante quanto as que estão registradas na História Universal, bem como nos dá a chance de obter informações muitas vezes não divulgadas em documentos oficiais.

François Dosse discorre sobre a importância da construção de uma identidade (biografia) política de militantes políticos com ideologia socialista. Para Dosse, os estudos de alguns politicólogos visavam

ao coletivo com base no acúmulo de matérias de ordem biográfica. É o caso a propósito, dos militantes do Partido Comunista, da obra de Bernard Pudal. Ele utiliza as fontes autobiográficas para acompanhar a trajetória dos ativistas no seio do partido, sob a forma de biografias. (DOSSE, 2015, p. 318)

Portanto, conhecer as histórias de vida desses jovens estudantes, levou este estudo à História Biográfica e à História Política. Dentro da História Biográfica sabe-se da dificuldade em escrever biografias principalmente porque a história sempre foi centrada na noção de sujeito universal, invisibilizando as pessoas comuns. Porém, não só personagens famosas da história, mas cidadãos desconhecidos também possuem o hábito de guardar objetos pessoais, cartas, fotos, jornais, revistas, bem como transmitir histórias aos filhos, netos, entre outros familiares, mantendo a memória coletiva da família sempre viva.

Diante do exposto nesta introdução, este estudo traz como objetivo central apresentar o relato biográfico do cidadão bauruense Milton Dotta, ex-militante comunista, do Movimento Estudantil da Juventude Católica, com o intuito de servir como fonte para outros estudos da história dos movimentos estudantis dos anos 1964/1968, já que Milton



Dotta, conhecido por sua grande atuação em movimentos estudantis de esquerda no Estado de São Paulo, participou ativamente contra a repressão da ditadura de 1964, na cidade de Bauru, interior paulista.

Para tanto, como objetivos específicos, discutiu-se sobre os espaços que a História Biográfica tem ocupado no campo da história política, bem como dentro da historiografia, para, em seguida, analisar a palestra proferida pelo biografado em um evento político-cultural, realizado no dia sete de outubro desse ano de 2023, a fim de obter dados para traçar o relato biográfico de Milton Dotta como fonte histórica de grande relevância e de importante militância política. Também, pretendeu-se reconstruir parte da memória do movimento estudantil de esquerda no período de 1964 a 1968, na cidade de Bauru.

Em relação aos métodos utilizados, realizou-se o levantamento e a coleta de dados para, posteriormente, iniciar a análise destes dados, ou melhor da fonte histórica material (palestra proferida pelo biografado). Para tanto, utilizamos o método qualitativo, conforme bem descreve Maria Ângela Silveira Paulilo, em seu artigo intitulado *A Pesquisa Qualitativa e a História de Vida*,

o universo não passível de ser captado por hipóteses perceptíveis, verificáveis e de difícil quantificação é o campo, por excelência, das pesquisas qualitativas. A imersão na esfera da subjetividade e do simbolismo, firmemente enraizados no contexto social do qual emergem, é condição essencial para o seu desenvolvimento. Através dela, consegue-se penetrar nas intenções e motivos, a partir dos quais ações e relações adquirem sentido. Sua utilização é, portanto, indispensável quando os temas pesquisados demandam um estudo fundamentalmente interpretativo. (PAULILO, 1999, p. 136)

A pesquisa qualitativa é frequentemente utilizada em pesquisas de cunho social, antropológico, pois permite investigar fenômenos culturais e sociais com a intenção de analisar aspectos comportamentais, subjetivos da vida humana.

Para tais análises, esta pesquisa traz as fontes históricas, que são documentos materiais e imateriais produzidos pelos seres humanos ao longo do tempo. Partindo da definição de Barros para fonte histórica em que ele diz ser

tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus



desdobramentos no presente. As fontes históricas são as marcas da história. [...] As fontes históricas produzidas diretamente pela ação e existência humanas [...] são fontes históricas tanto os já tradicionais documentos textuais (crônicas, memórias, registros cartoriais, processos criminais, cartas legislativas, jornais, obras de literatura, correspondências públicas e privadas e tantos mais) como também quaisquer outros registros ou materiais que possam nos fornecer um testemunho ou um discurso proveniente do passado humano. (BARROS, 2019, p.1)

Portanto, utilizou-se como fonte histórica a palestra proferida pelo militante Milton Dota, no evento político-cultural realizado pelo Armazém do Campo (MST), na cidade de Bauru. Além da palestra, em que Dota nos relata fatos vividos durante o período ditatorial, realizou-se uma roda de conversa em que o biografado respondeu a algumas perguntas feitas pelos participantes.

Foi utilizado como suporte bibliográfico, para a análise da entrevista, os livros (devidamente citados nesta bibliografia) do escritor Antônio Pedroso Júnior. Conhecido pelo apelido de “chinelo”, usando o bordão “chinelo neles” ao se referir à corrupção na política, Pedroso Júnior era advogado, escritor e militante da esquerda em Bauru. Participou do Congresso de Estudantes em Ibiúna junto com Milton Dota e, tempos depois, na tentativa de resgatar a memória destes militantes bauruenses, escreveu livros importantes trazendo relatos de vida desses sujeitos.

Milton Dota – Uma Vida De Luta ao lado do Povo

*“Fui preso no Congresso de Ibiúna e solto no dia 12 de dezembro. O meu alvará de soltura é um documento histórico, pois foi assinado pelo Geisel e pelo Golbery.”²
(DOTA, informação verbal, 2023).*

Foi com esta declaração que o militante Milton Dota, 83 anos, começou a contar sua história política em um evento público sobre a ditadura de 1964. Filho de José Victorino Dotta e de Ana Pietroforte Dotta, Milton nasceu aos 30 de outubro de 1940, em Avaí/SP, no local denominado “Mata Sede”. Mudou-se para Bauru na adolescência com a intenção de estudar, mas desde cedo, em Avaí, acompanhava o pai, defensor convicto

² Fala do militante Milton Dota durante palestra proferida no evento político-cultural, em Bauru, 2023.



de Jânio Quadros³, que frequentava com entusiasmo os comícios políticos (Pedroso Júnior, 2007).

Ao chegar em Bauru para estudar, Milton Dotta conhece a turma da Juventude Estudantil Católica e, a partir desse momento, inicia sua militância na política. Em 1963 concorre para as eleições da Presidência da Federação Bauruense Estudantina em uma chapa com seu colega de classe e militante da Juventude Comunista, Geraldo Scarabotto, com isso fizeram uma chapa de coalizão, unindo a JEC e o PCB, que venceu com larga vantagem as eleições daquele ano. A posse foi realizada na Câmara Municipal, que ficava localizada na rua Antônio Alves (Pedroso Júnior, 1979).

Em 1963, antes do golpe militar, como presidente da Federação Bauruense Estudantina, a FBE, liderou a memorável campanha pelo Passe Escolar, em que obteve uma parcial vitória contra a Prefeitura Municipal e a Empresa Circular Cidade de Bauru, de propriedade de Alexandre Quaggio. Os estudantes passaram a ter 25% de desconto nas passagens e a nova medida foi aprovada pelo prefeito Nuno de Assis, mas, com o golpe militar, o decreto do prefeito foi revogado e Milton Dotta foi destituído do cargo pelos integrantes da Frente Anticomunista, a FAC, que destruíram a sede da FBE e seu acervo de documentos. (Pedroso Júnior, 1979).

Para não serem presos, Milton Dotta e amigos se refugiaram na propriedade rural de seu pai e por lá ficaram um tempo escondidos nas plantações de quiabo, tanto que o amigo Saad Zogheib Sobrinho, colega de fuga, brincava com a mãe de Milton dizendo: *“Se a polícia aparecer, diga que fomos para quiabá!”* É que na propriedade existia uma grande plantação de quiabos e era para estes lados que ambos se refugiavam. (Pedroso Júnior, 1979).

No evento do Cinema da Terra⁴, realizado no dia 07 de outubro de 2023, nas dependências do Armazém do Campo, que abordava a temática sobre ditaduras ocorridas

³ Jânio da Silva Quadros, bacharel em Direito, foi um político que disputou cargo eletivo em 1947, para vereador, em São Paulo. Em 1950 elegeu-se deputado estadual com o lema: “moralização da política e do serviço público”. Com 36 anos assumiu a prefeitura de SP e depois venceu para o governo do Estado. Em 1960 venceu as eleições presidenciais, renunciando poucos meses depois. Em 1985 venceu novamente as eleições para prefeitura de São Paulo. Jânio faleceu em 1992 (DE OLIVEIRA; GOULART, 2018)

⁴ Evento promovido e realizado pelo Movimento dos Sem Terra, o MST, em seu estabelecimento comercial, o Armazém do Campo, na cidade de Bauru. O evento ocorre mensalmente com apresentação de um filme pertinente a assuntos atuais com roda de conversa com convidados ligados às questões do filme apresentado (MONTEIRO, Arthur, 2023).



na América Latina, foi apresentado o filme *Quem bom de ver viva*, dirigido pela cineasta Lúcia Murat, lançado em 1989 e protagonizado pela atriz Irene Ravache. O filme tratava-se de um documentário sobre o relato de mulheres que foram presas, torturadas na ditadura militar de 1964 e sobreviveram. O documentário trazia o relato do que essas mulheres sofreram no período ditatorial e como suas vidas seguiram até a abertura política, em 1985.

O militante Milton Dota foi convidado a palestrar neste evento e a participar da roda de conversa relatando detalhes sobre a perseguição a ele e a seus amigos no início da ditadura de 1964, culminando com sua prisão em 1968.

De acordo com Dota, ao retornar para Bauru, depois de se refugiar um tempo na fazenda de seu pai, em Avaí, em abril de 1964, ele não conseguiu escapar da prisão em Bauru, passando uns dias na Cadeia Pública da cidade. Após sair e ver que aparentemente não estava mais sendo perseguido, ele continuou sua luta contra o sistema opressor engajando-se na JEC – Juventude Estudantil Católica – e, também, passou a fazer parte da Ação Popular Marxista Leninista (APML). Dota nos relata que ficou muito conhecido por sua atuação e era convidado a participar das organizações nacionais com células em Bauru. Foi assim que o convidaram para participar da organização criada por Carlos Marighela, mas declinou de convite pois acabara de se casar com Mary Nair Matheus Dota, com quem, posteriormente, teve quatro filhos. Um acidente automobilístico tirou a vida de sua esposa precocemente, deixando Dota por um bom tempo inconsolável. A cidade que o acolhera homenageou sua esposa colocando seu nome em um dos maiores núcleos habitacionais do país, o Mary Dota.

Em meio aos afazeres do dia a dia, pois Dota tinha se formado em Direito e começara a atuar como advogado, o militante relata que participava das reuniões políticas e que estas eram secretas, clandestinas e que ocorriam em locais diferentes para não serem descobertos pela polícia. Porém, o governo militar aumentava o rigor em relação à censura e a perseguição até que no fatídico 13 de dezembro de 1968 decretou o Ato Institucional número 5 (AI-5) que levou preso milhares de pais de família, que cometeu os maiores atos de tortura, de mortes, levando muitos políticos e a classe cultural do país ao exílio.



Dota percorreu sobre os dois meses que antecederam ao AI-5⁵, em que participou do XXX Congresso da UNE, na cidade de Ibiúna, interior de São Paulo. Aqui, solicito aparte para explicar brevemente sobre a União Nacional dos Estudantes.

A União Nacional dos Estudantes, UNE, foi criada em 1937,

sob a inspiração de Gustavo Capanema, na época Ministro da Educação da administração do presidente Getúlio Vargas. O apoio ministerial tinha o intuito de submeter e manter sob controle político esse segmento social. [...] Para alguns dos seus antigos integrantes, a verdadeira UNE só surgiu de fato a partir de seu II Congresso Nacional. Realizado em dezembro de 1938, aberto solenemente no dia 5 de Dezembro, o congresso contou com a participação de 80 associações universitárias e secundaristas, além da participação de vários professores e um representante do Ministério da Educação (PEREIRA, p. 35, 2019).

Porém, a partir de 1964, com o golpe militar, a UNE passou a ser perseguida, sofrer represálias e muitos estudantes foram presos ao redor do território nacional. De acordo com Pereira,

entidades estudantis e centros acadêmicos foram fechados. No dia seguinte ao golpe, a sede da UNE foi incendiada, muitos dos seus dirigentes buscaram refúgio no exílio ou caíram na clandestinidade. A UNE e, sobretudo, o movimento estudantil foi considerada um dos principais setores que apoiaram o presidente João Goulart (1961-1964). [...] Para os militares e setores da grande imprensa, a UNE era chamada de “ex-UNE” e era considerada uma entidade clandestina desde 1964. (PEREIRA, p. 138, 2019)

Para lutar contra o regime ditatorial, os estudantes se reuniam para reivindicar liberdade de expressão, para traçar estratégias de luta contra a ditadura. Porém, muitas dessas reuniões tinham que ser em locais escondidos, alternativos, clandestinos, a portas fechadas. E foi em outubro de 1968, que os estudantes resolvem realizar um encontro na cidade de Ibiúna, interior de São Paulo. Lá, sem infraestrutura adequada, em torno

⁵ A historiadora Maria Paula Araújo resume bem as principais bases do ato: o AI-5 fechou o Congresso Nacional por tempo indeterminado; cassou mandatos de deputados, senadores, prefeitos e governadores; decretou estado de sítio; suspendeu o habeas corpus para crimes políticos; cassou direitos políticos dos opositores do regime; proibiu a realização de qualquer tipo de reunião; criou a censura prévia (ARAÚJO, 2007, p. 189).



de 1 mil estudantes ocuparam a fazenda para a realização do Congresso e as coisas não saíram conforme o planejado, culminando na prisão de quase todos eles.

Durante os trabalhos do XXX Congresso da UNE, em 12 de outubro de 1968, integrantes das forças de policiais invadiram um sítio na zona rural de Ibiúna (SP), local onde estavam acontecendo os trabalhos do congresso. Na ação, as principais lideranças estudantis brasileiras acabaram sendo presas (PEREIRA, p. 139, 2019).

Retomando o relato do militante Dota, ele nos contou no evento que geralmente esses Congressos aconteciam em locais públicos, como Universidades e em ambientes religiosos, como os conventos, pois eram locais com infraestrutura adequada para receber milhares de jovens estudantes vindos das mais diversas cidades do país. Porém, com o endurecimento militar, os líderes do movimento resolveram realizar o evento em um lugar clandestino, longe dos grandes centros e foi neste ponto que chegaram a esta fazenda, na cidade de Ibiúna. Dota relembra que ao chegar à fazenda assustou, pois esta era no meio de uma mata e sem infraestrutura alguma para receber em torno de mil jovens, tanto que ele e seu amigo foram dormir em um chiqueiro. O comércio da cidade de Ibiúna, também sem infraestrutura para grandes eventos, não conseguiu atender a demanda dos estudantes em relação à alimentação e produtos de higiene pessoal, o que levou a polícia local a desconfiar de que algo diferente estava ocorrendo na região. De acordo com o militante Dota, não demorou muito para que centenas de militares cercassem a fazenda e levassem presos os estudantes, incluindo ele. O militante nos relata que por sorte ele não foi levado ao DOI-CODI, em São Paulo, o levaram para um quartel do exército em Jundiaí, cidade perto de Campinas, em São Paulo. Ali, Dota permaneceu preso por dois meses, pois era considerado um militante perigoso e influente.

Foi quando o advogado que cuidava do caso, percebendo que as coisas estavam se complicando em Brasília, entrou em um avião e foi solicitar o alvará de soltura desses presos direto na capital do país. E, como relata Dota, por sorte o advogado volta com o alvará assinado pelo general Ernesto Geisel (que seria futuro presidente) e pelo general Golbéry Couto e Silva, um dos criadores do SNI (Sistema Nacional de informação), conseguindo liberar Milton Dota no dia 12 de dezembro, apenas um dia antes de ser decretado o AI-5. E, por isso, Dota descreve esse dia como um dia de sorte, pois muitos amigos e líderes estudantis continuaram presos, foram torturados e até mortos. Ao



retornar o mais rápido possível para casa, precisou ficar um tempo foragido, escondido pois não se sabia ainda como seria a reação da repressão que acabava de cercear ainda mais a liberdade dos indivíduos.

Dota comentou que ao voltar para Bauru, depois de passar um tempo clandestino, a perseguição policial sobre si aumentou prejudicando sua atuação profissional. Deste modo, ele precisou pedir demissão do cargo que ocupava de cobrador de seguros do antigo INPS, hoje INSS.

Durante todo o período da ditadura (1964-1985), o militante relatou que teve muita dificuldade profissionalmente, mas que continuou muito ativo na militância política em favor dos direitos dos menos favorecidos. Atuou como advogado em várias prisões de amigos dos movimentos sociais que lutavam contra o regime ditatorial. Esse intenso engajamento o levou a ocupar o cargo de vereador por duas vezes na cidade de Bauru. Atualmente, aos 83 anos, continua atuando na militância política e foi figura importante nos movimentos, na cidade de Bauru, contra o governo de extrema-direita que governou no país de 2018 a 2022.

Considerações Finais

O golpe militar de 1964 foi realizado pelas Forças Armadas do Brasil para retirar do poder o presidente João Goulart e foi neste período que o militante Milton Dota nos relatou um pouco de sua luta contra este regime ditatorial. Ao discorrer sobre os acontecimentos que culminaram na sua prisão, pode-se comprovar como a ditadura militar perseguiu, torturou e matou cidadãos desse país.

A história política trouxe importante suporte teórico para que se pudesse entender a dinâmica do poder naquela época e, também, as decisões que moldaram a sociedade e as implicações políticas dos fatos históricos que subjetivaram e subjetivam os sujeitos até os dias de hoje, como no caso do nosso biografado.

Pelo relato do militante Milton Dota, pode-se observar que guerras, opressão, censuras, podem gerar mudanças significativas na esfera social, principalmente cultural. Ao censurar seu povo, uma das primeiras medidas é a tentativa de destruir suas formas de cultura, pois esta é sua identidade.



Este estudo teve o intuito de contribuir para um conhecimento maior dos movimentos estudantis e político-sociais, na cidade de Bauru, interior de São Paulo, pois analisá-los sob a perspectiva de um militante que vivenciou tais fatos históricos, faz com que possamos observar a ditadura militar de 1964 pelo olhar de personagens desconhecidos da história, mas que, coletivamente, resistiram e contribuíram grandemente para que tempos melhores surgissem e, assim, pudéssemos viver em um estado social democrático.

Referências

ARAÚJO, M. P. **Memórias estudantis**: da fundação da UNE aos nossos dias. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

BARROS, José D'Assunção. Fontes Históricas: uma introdução aos seus usos historiográficos. ANPUH, Rio de Janeiro, 2019. **História e Parcerias**. Disponível em: <https://www.historiaeparcerias2019.rj.anpuh.org/resources/anais/11/hep2019/1569693608_ARQUIVO_bd3da9a036a806b478945059af9aa52e.pdf>. Acesso em 15 abr. 2023.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Edição anotada por Étienne Bloch. São Paulo: Jorge Zahar, 2002.

CASTRO, Hebe. História Social. In: VAINFAS, Ronaldo. CARDOSO, C. F. (Orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DE OLIVEIRA, R. C.; GOULART, M. H. H. S. Jânio Quadros: genealogia e conexões paranaenses. Revista NEP, **Dossiê Direitos Humanos, Violência e Criminalidade**. Núcleo de Estudos Paranaenses, Curitiba, v.4, n.2, dez. 2018. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/328078956.pdf>.> Acesso em 23 set. 2023.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. USP Editora: São Paulo, 2015.

DOTA, M. **Palestra proferida no evento político-cultural**. Bauru, 2023.

MURAT, L. **Que bom te ver viva**. Documentário, 1989, 100 min.

PAULILO, Maria Ângela Silveira. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em Revista**, vol. 2, n. 1, jul/dez 1999. Disponível em <https://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_pesquisa.htm>. Acesso em 18 abr. 2023.



PEDROSO JÚNIOR, Antônio. **Subsídios para a história da repressão em Bauru**. Bauru: Osmare, 1979.

PEDROSO JÚNIOR, Antônio. **Subversivos anônimos**. São Paulo: All Print, vol. 1, 2007.

PEREIRA, A. R. V. V., *et al* (orgs). *Das utopias ao autoritarismo: historiografia, memória e cultura*. Serra: Editora Milfontes, 2019.

POST-TRUTH. *In: Oxford English Dictionary*. Oxford University Press, 2023. Disponível em: <<https://www.oed.com/search/dictionary/?scope=Entries&q=post-truth>> Acesso em 10 dez. 2023.

RÉMOND, René. **Por uma história política I**. Tradução Dora Rocha. - 2. ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 472 p.